Fundação Oswaldo Cruz

Uma instituição a serviço da vida

Marcelo Rodrigues Pereira

Autor:

Marcelo Rodrigues Pereira

Doutorando na COPPE/UFRJ, Engenheiro Mecânico pela UCP, 1981, Mestre em sistemas pelo IME, 1999, Analista em Ciência e Tecnologia da Fundação Oswaldo Cruz.

Promover a saúde e o desenvolvimento social, gerar e difundir conhecimento científico e tecnológico, ser um agente da cidadania. Esses são conceitos que norteiam a atuação da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), órgão vinculado ao Ministério da Saúde e a mais destacada instituição de ciência e tecnologia em saúde da América Latina.

Os manguês da Baía de Guanabara estendiam-se preguiçosamente até os pés da colina. O silêncio só era quebrado pelos gritos das gaivotas e pelo eventual barulho dos remos de canoas batendo n'água. A serenidade do lugar, conhecido como Fazenda de Manguinhos, contrastava com a turbulência reinante na cidade do Rio de Janeiro. O ano era 1899 e a então capital federal, já castigada por sucessivos surtos e epidemias de febre amarela e varíola, via-se agora ameaçada pela peste bubônica que acabara de entrar no país pelo porto de Santos.

Naquele final de século, a Europa já havia consolidado as grandes transformações trazidas pela revolução industrial e pela revolução pasteuriana, com suas noções sobre o papel dos micróbios na produção de doenças e a necessidade de higiene para combatê-los. O Brasil, porém, continuava preso ao passado. As epidemias exterminavam populações e afugentavam investimentos. Companhias estrangeiras de navegação proibiam seus navios de parar no porto do Rio, considerado um dos mais insalubres do mundo.

Foi então que o Barão de Pedro Afonso, cirurgião famoso na capital, conseguiu da prefeitura a cessão da velha Fazenda de Manguinhos para nela instalar o Instituto Soroterápico Federal,

destinado a fabricar soros e vacinas contra a peste que se alastrava. Faltava, porém, quem soubesse produzi-los. O barão escreveu ao Instituto Pasteur de Paris, pedindo-lhe que enviasse um técnico francês. A resposta veio logo: o profissional desejado já estava no Brasil. Chamava-se Oswaldo Gonçalves Cruz. O jovem médico nascido em 1872 no estado de São Paulo era o primeiro brasileiro a estudar no Pasteur. Tinha se especializado em bacteriologia, e acabara de voltar ao país. No dia 25 de maio de 1900, tendo o barão como diretor-geral e Oswaldo Cruz como diretor-técnico, inaugurava-se em Manguinhos o Instituto Soroterápico que iria mudar os rumos da saúde pública no Brasil.

Dois temperamentos fortes e autoritários, o barão e o bacteriologista logo se desentenderam. Em 1902, ambos pediram demissão. A querela foi decidida pelo governo federal em favor de Cruz, que voltou a Manguinhos como seu diretor-geral. No ano seguinte, nova promoção: tornou-se diretor-geral de Saúde Pública, cargo equivalente ao de ministro da Saúde, com a missão de sanear a capital federal. Fez de Manguinhos a sua base de atuação. Em poucos meses, reduziu a incidência de peste bubônica com uma vigorosa ação de extermínio dos ratos.

Voltou-se, então, para a febre amarela. Imbuído da novíssima teoria de que a doença era transmitida por mosquitos, criou uma polícia sanitária, com poderes para invadir casas e eliminar focos de insetos. Despertou a ira dos tradicionalistas, que acredita-

vam ser a febre transmitida pelo contato com os doentes, e da população em geral, descontente com a higiene compulsória. Em meio a esse clima, recrudesceram os surtos de varíola. Cruz não hesitou: convenceu o presidente Rodrigues Alves a tornar obrigatória a vacinação em massa. A imprensa e o Congresso protestaram. Caricaturas, canções debochadas e insultos faziam parte da campanha. Em 13 de novembro de 1904, explodiu a rebelião popular que ficaria conhecida como a “Revolta da Vacina”. O governo sufocou-a três dias depois, mas suspendeu a obrigatoriedade de vacinação.

Oswaldo Cruz prosseguiu impávido. No mesmo ano da revolta iniciou a construção do luxuoso Palácio Mourisco que se tornaria a sede e o símbolo do Instituto de Manguinhos. Ao mesmo tempo, atraía estudantes de medicina para ali desenvolverem suas teses. Entre eles, Ezequiel Dias, Cardoso Fontes, Carlos Chagas. Iniciava-se, assim, a pesquisa experimental em ciências médicas no Brasil.

O reconhecimento completo não tardaria. As 984 mortes por febre amarela em 1902 reduziram-se a 48 em 1906 e a zero em 1909. Isso valeu ao Brasil a medalha de ouro da Exposição Internacional de Higiene de 1907, em Berlim. Em 1908, o Instituto Soroterápico seria rebatizado de Instituto Oswaldo Cruz. No mesmo ano, outra violenta epidemia de varíola fez a população correr aos postos de vacinação.

Redimido, Cruz deixou a Diretoria Geral de Saúde Pública em 1909 e passou a se dedicar exclusivamente a Manguinhos. Começou, então, uma nova etapa na vida do Instituto. Desbravando as lonjuras esquecidas do país, expedições científicas lideradas por seus pesquisadores erradicaram a febre amarela do Pará, sanaram a região onde se construía a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré – até então conhecida como “Ferrovia da Morte” por causa dos operários dizimados pela malária – e descobriram a doença de Chagas (descrição do ciclo completo da tripanossomíase americana por Carlos Chagas, um trabalho científico único na história da medicina).

Oswaldo Gonçalves Cruz

Oswaldo Cruz morreu em 1917, aos 44 anos, vítima de uma insuficiência renal que o obrigara a deixar Manguinhos dois anos antes. Mas o Instituto que levava seu nome era já uma instituição de expressão nacional. O levantamento das condições de saúde Brasil a fora detonara discussões políticas que culminaram com a criação, em 1920, do Departamento Nacional de Saúde Pública. As idéias e ações do Instituto Oswaldo Cruz eram sua referência.

Com a Revolução de 30, a área de saúde ganhou mais relevância política. Criou-se o Ministério da Educação e Saúde Pública, ao qual o Instituto foi subordinado. Ganhou verbas, perdeu autonomia. As décadas de 50 e 60 seriam de muita agitação política: seus pesquisadores opunham-se à orientação do Ministério da Saúde, que priorizava a produção de soros e vacinas, e defendiam a criação de um Ministério da Ciência, o qual abrigaria a parte de pesquisa. A discussão foi violentamente encerrada nos autoritários tempos do regime mi-

litar, com o chamado “Massacre de Manguinhos”, em 1970: a aposentadoria compulsória e a cassação dos direitos políticos de 10 dos mais destacados cientistas do Instituto. Eles só retornariam a seus laboratórios em 1985, com a redemocratização e a volta dos civis ao poder.

O ano do “massacre” foi também o da reorganização institucional. Criou-se a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), reunindo, inicialmente, o Instituto Oswaldo Cruz, a Escola Nacional de Saúde Pública (à época, Fundação de Recursos Humanos para a Saúde) e o Instituto Fernandes Figueira. As demais unidades que hoje compõem a Fiocruz foram incorporadas ao longo dos anos.

Exatamente um século após a criação do Instituto Soroterápico, a região de Manguinhos já não é mais cercada pelos manguês que lhe deram o nome. A mansidão das gaivotas e canoas foi trocada pelo tráfego pesado da avenida que corta o manguezal aterrado. Mas a Fiocruz continua, lá no alto da colina, sólida e imponente, a fazer jus a sua história.